



## TÁ “MONSTRÃO”! A CONSTRUÇÃO DA MASCULINIDADE EM UMA ACADEMIA DE MUSCULAÇÃO

Victor Cesar Belloni dos Santos

Universidade do Oeste Paulista

Vagner Matias do Prado

Universidade Federal de Uberlândia

### RESUMO

A prática da musculação vem crescendo em todo o mundo. Muitos sujeitos recorrem à musculação para auxiliar no processo de construção do corpo. Nesse sentido, caberia indagar: o que move a construção do corpo em homens que praticam musculação e como o corpo construído se relaciona com a sua percepção de masculinidade? Com base nos estudos sobre masculinidades, a presente proposta investigativa objetiva compreender qual representação de masculinidade é produzida por meio da prática da musculação, bem como identificar a relação estabelecida entre o corpo hipertrofiado e corpo tradicional no contexto da academia. A partir de um estudo de caso de abordagem qualitativa, acompanharemos momentos de treino de um praticante de musculação em uma academia localizada em um município do interior do estado de São Paulo. Os dados serão gerados a partir da observação participante, diário de campo e entrevistas semiestruturadas. A pesquisa poderá contribuir para a ampliação de conhecimento da literatura científica da área da Educação Física em sua intersecção com os estudos sobre masculinidade.

Palavras chave: Masculinidade, Musculação, Construção do Corpo.

### INTRODUÇÃO

A prática da musculação vem crescendo em todo o mundo. Atualmente, são conhecidos muitos benefícios que a prática dessa modalidade pode proporcionar em diferentes grupos da sociedade, desde jovens até idosos, de ambos os gêneros, adeptos dessa prática (Kreidere et al., 2010, p. 1). No que se refere ao corpo, a

Realização:



Apoio:



DTP Departamento de Teoria e Prática da Educação





prática da musculação objetiva provocar modificações em diferentes dimensões, dentre elas, fisiológicas, morfológicas e estéticas.

Na história da humanidade o corpo passou por diversos processos de significação. Sempre dependente do contexto histórico, social e político no qual se encontra inserido, nossa representação de corpo é passível de modificação e revela os processos de significação de determinado grupo. Nesse contexto, como argumenta Daolio (2004, p. 12), o corpo também é transpassado pela dinâmica cultural.

Para além de sua dimensão biológica, o corpo pode ser compreendido como uma construção histórica. Segundo Daolio (2004, p. 9), é possível então concebê-lo a partir do referencial das Ciências Humanas, o que permite refletir sobre o processo de construção cultural dos corpos em suas intersecções com conhecimentos sociológicos, filosóficos e pedagógicos.

É possível afirmar que cada momento histórico valoriza o corpo de acordo com os seus padrões e idealizações (Barbosa et al., 2011, p. 24). Segundo Casimiro et al. (2012, p. 65), desde a antiguidade clássica, o corpo reflete as representações de determinado grupo como, por exemplo, as noções de homem edificadas por alguns filósofos gregos como Sócrates, Platão e Aristóteles.

A busca pela modificação da representação do corpo, em especial no âmbito da musculação, é um entre outros caminhos que o sujeito pode passar a percorrer para obter o corpo que a sociedade impõe como padrão de beleza. Como argumentam Freitas et al. (2010, p. 389) dentre os motivos que levam as pessoas a praticarem exercícios físicos, encontramos a busca por uma imagem corporal adequada ao modelo padronizado de beleza e estética vigentes.

No que se refere à busca de um “corpo perfeito”, também se deve problematizar os processos de intervenção que levam os sujeitos a se construírem como “masculinos” ou “femininos”, de tal modo que muitos praticantes de academias tendem a “fabricar” seus corpos de acordo com representações sociais de gênero.

Realização:



Apoio:



**DTP** Departamento de  
Teoria e Prática  
da Educação





As discussões referentes ao conceito de gênero se potencializaram durante os anos de 1960 e 1970, marcadas pelo movimento feminista que buscava seus direitos em prol da igualdade entre homens e mulheres (Louro, 1997, p. 15).

Para Scott (1995, p. 86) o conceito de gênero passa por duas dimensões. Segundo a autora, o gênero se estrutura como um elemento constitutivo de relações sociais fundadas sobre as diferenças percebidas entre os sexos, e como uma estratégia social utilizada para dar significado às relações de poder. Nesse sentido, o conceito de gênero é potente tanto para refletirmos sobre o processo histórico de construção das masculinidades e feminilidades quanto para problematizarmos as relações sociais de poder que hierarquizam os corpos e subjugam determinadas estéticas de vida.

Com isso, o problema investigativo proposto é: Qual representação sobre corpo é produzida por praticantes de musculação? Mais especificamente: qual o significado de masculinidade atribuído ao corpo por um aspirante ao fisiculturismo?

## PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

O estudo, que se encontra em desenvolvimento, é de natureza qualitativa do tipo estudo de caso. Para Santos Filho e Gamboa (1997, p. 14) a pesquisa qualitativa rejeita a possibilidade de descoberta de leis sociais, ao centrar-se na interpretação do fenômeno social, a partir das perspectivas dos participantes.

Por sua vez, esclarece Goldenberg:

Na pesquisa qualitativa a preocupação do pesquisador não é com a representatividade numérica do grupo pesquisado, mas com o aprofundamento da compreensão de um grupo social, de uma organização, de uma instituição, de um traje (GOLDENBERG, 2004, p.14).

Os pesquisadores que adotam a abordagem qualitativa em pesquisa se opõem ao pressuposto que defende um modelo único de pesquisa para todas as ciências, baseado no modelo de estudo das ciências da natureza (GOLDENBERG, 2004, p.16-17).

Realização:



Apoio:



DTP Departamento de Teoria e Prática da Educação







Como a investigação constitui-se num estudo de caso, apresenta-se a definição de Severino (2007):

Estudo de caso é uma pesquisa que se concentra no estudo de um caso particular, considerado representativo de um conjunto de casos análogos, por ele significativamente representativo. [...] o caso escolhido para a pesquisa deve ser significativo e bem representativo, de modo a ser apto a fundamentar uma generalização para situações análogas, autorizando inferências (SEVERINO, 2007, p. 121).

No período de quatro meses, de maio a agosto de 2017, o pesquisador acompanhará o trabalho desenvolvido por um sujeito do gênero masculino em uma academia de musculação. A inserção em campo será realizada três vezes por semana, em um período de duas horas diárias. O ambiente de observação será uma academia de musculação de grande porte, localizada em uma área de classe média em um município de médio porte do interior do estado de São Paulo.

O trabalho encontra-se na fase de discussão conceitual em uma tentativa de compreender como as teorizações sobre gênero permitem compreender as masculinidades como construções culturais, históricas e políticas. Mais especificamente, como essa produção de conhecimento se relaciona (ou pode se relacionar) com a área da Educação Física. Os resultados parciais de nosso levantamento teórico são apresentados a seguir.

## **MASCULINIDADE(S): BREVE HISTÓRICO DE UMA CONSTRUÇÃO**

Academicamente, os estudos sobre masculinidade originaram-se na década de 1960, período em que houve um aumento na produção de estudos científicos relacionados aos homens, a partir de uma perspectiva de gênero, nos países anglo-saxões (Souza, 2009, p. 124-125). Tais estudos partiram dos impactos das problematizações feministas no que se refere ao processo de construção cultural do

Realização:



Apoio:



**DTP** Departamento de  
Teoria e Prática  
da Educação





que é considerado como masculino ou feminino em determinada sociedade (Louro, 1997, p 15; Souza, 2009, p. 125).

Romero e Pereira (2008, p. 10) argumentam que a masculinidade não pode ser considerada como algo singular, que se expressa da mesma forma em qualquer situações ou contexto. Dessa maneira, é possível compreender que existem diferenciadas formas de se representar o masculino e que essas distintas representações também estabelecem, entre si, hierarquias em relação ao modelo de masculinidade considerado hegemônico.

Connell (1995, p. 187-188), em seu artigo intitulado “Políticas da Masculinidade” nos insere na discussão ao apresentar algumas perspectivas teóricas que “explicariam” os modos de produção do masculino. Defende que o processo de construção da masculinidade é definido de acordo com cada cultura, afastando os homens dos comportamentos considerados como apropriados ao “sexo oposto”.

Nesse sentido, embora parta da prerrogativa de que a masculinidade é uma construção que se faz na oposição ao considerado como feminino, argumenta que como o processo se instaura no plano sociocultural, é possível falar em “masculinidades” no plural. Para Connell (1995, p. 189) tal pluralidade aponta para diferentes experiências entre os homens, bem como em suas relações com sujeitos do gênero feminino. Cabe destacar que nem todas as formas de masculinidade possuem o mesmo valor cultural, sendo a hegemônica a pautada na ideia de virilidade e que afasta o homem das possibilidades de ser considerado como feminino (Connell, 1995, p. 191-192).

Como esclarece Saffioti (apud Romero; Pereira, 2008, p. 20) a “identidade” masculina pode sofrer transformações. Essas modificações da masculinidade acontecem com o passar da idade, ambiente de convívio, classe social e outras mudanças que possam ocorrer no decorrer da vida do homem, fazendo da masculinidade uma construção mutável dia após dia.

Para Welzer Lang (2001, p. 462) a construção da masculinidade passa por um aprendizado social que insere o macho em espaços de socialização frequentado por

Realização:



Apoio:



DTP Departamento de Teoria e Prática da Educação





homens (ou que enaltecem o masculino), o que o autor denominado de “a *casa-dos-homens*”. Esse processo inicia-se na primeira infância e acompanha o jovem macho por toda uma história de vida, permitindo com que as relações dali decorrentes construam os atributos que se relacionam com a masculinidade e a diferenciam, de forma valorativa, de qualquer aspecto e/ou característica que possa associar esse homem à uma mulher.

Para o autor, o pequeno homem busca construir sua masculinidade a partir de uma “homossocialidade” transpassada pela categoria geracional (Welzer Lang, 2001, p. 462). Nesta casa, o “pequeno homem”, em diferentes momentos em sua vida e idade, passa por momentos de aprendizado e modelagem (processo imposto por homens mais velhos e que já foram ensinados por seus pares), movimento que busca inseri-lo em um sistema representacional que apresentará os benefícios sociais de não ser considerado “castrado”.

Connell (1995, p. 191-192) destaca dois aspectos históricos importantes do processo de construção das masculinidades: a busca pela hegemonia e a influência do imperialismo que disseminou “modelos de comportamentos” europeus para outras localidades do globo.

Connell (1995, p. 194-198) nos apresenta a quatro representações de masculinidade que forma possíveis de serem observadas no desenvolvimento de seus estudos: a hegemônica, a subordinada, a cúmplice e a marginalizada. Essa pluralidade atesta que a masculinidade pode ser construída e reconstruída a partir das relações sociais de gênero que cercam o homem.

Costa (1998, p. 178) nos auxilia a compreender as quatro representações de masculinidade sinalizadas por Connell. A masculinidade hegemônica apresenta a dominação dos homens, sua visibilidade nos espaços públicos e a subordinação das mulheres.

A masculinidade subordinada reflete o domínio e subordinação entre o próprio grupo dos homens. Um exemplo seria analisar as relações que podem ser

Realização:



Apoio:



DTP Departamento de Teoria e Prática da Educação







estabelecidas entre as ideias de homem heterossexual, homossexual e transexual, nas quais a heterossexualidade reprodutiva é considerada como modelo positivo.

A masculinidade cúmplice se caracterizaria por se aproximar da masculinidade hegemônica, sem, no entanto, se apropriar por completo das “vantagens sociais” do modelo masculino considerado como ideal. No entanto, gozam de algumas vantagens da mesma, mesmo sem defender publicamente tal posição.

Por fim, a masculinidade marginalizada se refere a diferentes relações, entre classes e etnias, podendo ser um grupo que demonstra o domínio e outro a subordinação. Como exemplo, poderíamos pensar nas relações estabelecidas entre homens brancos e negros, onde a negritude é considerada como símbolo de desvalorização social entre os sujeitos.

## **A PRÁTICA DA MUSCULAÇÃO E A CONSTRUÇÃO DO MASCULINO**

Dentro da área da Educação Física, seja ela no âmbito escolar ou de treinamento físico, em específico a musculação, existe uma realidade que podemos chamar de determinista em relação ao gênero do sujeito. Ou seja, parece existir uma espécie de “adequação” da atividade corporal em relação ao praticante.

Assim, muitos homens constroem suas identidades dentro da academia a partir da busca por um padrão ideal de gênero, ou seja, tentam materializar em seus corpos características morfológicas que são valorizadas como masculinas como, por exemplo, o corpo hipertrofiado. Outras características também poderiam ser pensadas como constituintes do processo de masculinização dos corpos: ser competitivo, ser provedor, desenvolver a agressividade, tornar-se superior aos outros homens e às mulheres e superar a dor em um movimento de demonstração de sua virilidade (Welzer Lang, 2001, p. 463).

Realização:



Apoio:



**DTP** Departamento de Teoria e Prática da Educação





Para Brito e Leite (2017, p. 8) refletir sobre a masculinidade é pensar nas diversas representações que são atribuídas aos homens, ao serem inseridos no convívio social.

Welzer Lang (2001, p. 462) compreende que a construção da masculinidade não é um fator natural ou biológico do ser humano, mas sim, um atributo constituído por representações sociais formadas culturalmente, no ambiente de convívio social.

No contexto das academias de ginástica, Sabino (2000, p. 62) descreve que dentre os praticantes dessa atividade, tal exercício pode ser associado com a masculinidade e feminilidade.

Também é possível pensar na relação que pode ser estabelecida entre o processo de produção de determinado tipo de masculinidade via práticas de musculação com a sexualidade do sujeito. Um corpo hipertrofiado, malhado e definido parece aguçar a representação de uma “hipermasculinidade”, de uma virilidade e potência sexual que diferenciaria um sujeito masculino de outros, evidenciando assim sua “superioridade” na relação entre machos.

Segundo Silva e Ferreira (2016, p. 90) a prática da musculação pode se configurar como um processo que visaria fortalecer representações de masculinidade que são consideradas como positivas no interior das relações sociais entre homens. Nesse sentido, no âmbito das academias de musculação, criam-se hierarquizações de masculinidades baseadas na morfologia do corpo. Quanto mais hipertrofiado, mais próximo do modelo viril valorizado. Quando mais “monstrão”<sup>1</sup>, mais “macho” e potente o sujeito parece se reconhecer.

Nesse sentido, as práticas corporais, em específico a prática da musculação, contribui par ao processo de construção cultural dos corpos em intersecção com a categoria gênero. Não é qualquer tipo de corpo que é valorizado a partir do trabalho de hipertrofia. Mas, o corpo hipertrofiado que apresentaria resquícios de uma

<sup>1</sup> Jargão utilizado em algumas academias de musculação para identificar, positivamente, os corpos hipertrofiados.

Realização:



Apoio:



DTP Departamento de Teoria e Prática da Educação







representação hegemônica de masculinidade pautada nas ideias de força muscular (ideias!), virilidade e potencia sexual. Com isso, percebe-se que as práticas corporais também podem ser compreendidas como tecnologias de produção e corpos generificados de acordo com os valores sociais atribuídos ao homem em determinado contexto sociocultural.

## CONSIDERAÇÕES PARCIAIS

O presente estudo permite problematizar, a partir de uma primeira aproximação conceitual entre os estudos de gênero, masculinidades e práticas corporais da Educação Física, que o contexto histórico, cultural e político instituem marcadores sociais de gênero que fabricam determinados tipos de corpos e sujeitos. Tais corpos, quando considerados como masculinos, não são produzidos da mesma maneira e não detém o mesmo valor no contexto hierárquico das relações entre homens.

A masculinidade virilizada, hipertrofiada, provedora e que ocupa os espaços de representatividade pública detém maios status social e é divulgada como a representação que deve ser perseguida. Outras formas de constituição de masculinidade, em maior ou menor grau, ao se afastarem do modelo hegemônico também percebem alterações em sua representação social.

Pretende-se com a continuidade do estudo, e com a inserção empírica do pesquisador no contexto de uma acadêmica de musculação, gerar mais dados que permitam problematizar as representações que movimentam o corpo a buscar determinados tipos de padrões generificados de masculinidade, bem como questionar os impactos sociais dessas representações na vida social e subjetiva dos sujeitos.

## REFERÊNCIAS

Realização:



Apoio:



DTP Departamento de Teoria e Prática da Educação





BARBOSA, M. R; MATOS, P. M; COSTA, M. E. Um olhar sobre o corpo: o corpo ontem e hoje. **Psicologia & Sociedade**, Porto Alegre, v. 23, n. 1, p. 24-34, 2011.

BRITO, L. T; LEITE, M. Sobre masculinidades na Educação Física escolar: questões teóricas, horizontes políticos. **Práxis Educativa**, Ponta Grossa, v. 12, n. 2, p. 1-20, mai./ago. 2017.

CASSIMIRO, E. S. et al. As concepções de corpo construídas ao longo da história ocidental: da Grécia Antiga á contemporaneidade. **Metávoia**, São João Del-Rei, n.14, p. 62-79, 2012.

CONNELL, R. W. Políticas da masculinidade. **Educação e Realidade**, Porto Alegre, v.20, n.2, p. 185-206, jul./dez. 1995.

COSTA, R. G. De clonagens e de paternidades: as encruzilhadas do gênero. **Cadernos Pagu**, Campinas, n. 11, p.157-199, 1998.

DAOLIO, J. **Educação física e o conceito de cultura**. Campinas: Autores Associados, 2004.

FREITAS, C. M. S. M. et al. O padrão de beleza corporal. **Revista brasileira de Educação Física e Esporte**, São Paulo, v.24, n.3, p. 389-404, jul./set. 2010.

GOLDENBERG, M. **A arte de pesquisar**: como fazer pesquisa qualitativa em Ciências Sociais. 8ª ed. Rio de Janeiro: Record, 2004.

KREIDER, R. B. et al. ISSN exercise & sport nutrition review: research & recommendations. **Journal of the International Society of Sports Nutrition**, Woodland Park v. 7, n. 1, p. 1-43, 2010.

LOURO, G. L. **Gênero, Sexualidade e Educação**: Perspectiva pós- estruturalista. 6ª ed. Petrópolis: Vozes, 1997.

ROMERO, E; PEREIRA, E. G. B. **Universo do corpo**: masculinidades e feminilidades. Rio de Janeiro: Shape, 2008.

SABINO, C. Musculação: Expansão e manutenção da masculinidade. In: GOLDENBERG, M. (Org.). **Os novos desejos**: das academias de musculação às agências de encontros. Rio de Janeiro: Record, 2000, p. 61-103.

SANTOS FILHO, J. C.; GAMBOA, S. S. (Orgs.). **Pesquisa educacional**: quantidade-qualidade. 2. ed. São Paulo: Cortez, 1997.

Realização:



Apoio:



**DTP** Departamento de Teoria e Prática da Educação





SEVERINO, A. J. **Metodologia do trabalho científico**. 23 ed. São Paulo: Cortez, 2007.

SOUZA, M. F. As análises de gênero e a formação do campo de estudos sobre a(s) masculinidade(s). **Mediações**, Londrina, v. 14, n. 2, p. 123-144, Jul./dez. 2009.

SCOTT, J. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 20, n. 2, p. 71-99, jun./dez. 1995.

SILVA, A. C; FERREIRA, J. Homens no "limite" das dores na musculação de uma academia de ginástica de bairro popular: uma etnografia sobre formas plurais de expressão da masculinidade. **Movimento**, Porto Alegre, v. 22, n. 1, p. 89-98, jan./mar. 2016.

WELZER-LANG, D.A construção do masculino: dominação das mulheres e homofobia. **Revista de estudos feministas**, Florianópolis, v. 9, n. 2, p.460-482, 2001.

## THERE'S A "MONSTER"! THE MASCULINITY CONSTRUCTION IN A WEIGHT TRAINING GYM

### ABSTRACT

The practice of bodybuilding has been growing around the world. Many subjects turn to bodybuilding to aid in the body building process. In that sense, one might ask: what moves bodybuilding in men who practice bodybuilding, and how does the built body relate to their perception of masculinity? Based on studies on masculinities, the present investigative proposal aims to understand which representation of masculinity is produced through the practice of bodybuilding, as well as to identify the relationship established between the hypertrophied body and the traditional body in the context of the academy. From a case study with a qualitative approach, we will accompany training moments of a bodybuilder at a gym located in a municipality in the interior of the state of São Paulo. The data will be generated from participant observation, field diary and semi-structured interviews. The research may contribute to the expansion of knowledge of the scientific literature in the area of Physical Education at its intersection with studies on masculinity.

Key words: Masculinity, Weight Training, Body building.

Realização:



Apoio:



DTP Departamento de Teoria e Prática da Educação

